



Metamorfoses do abutre: a diversidade como eixo na poética de Adão Ventura. PEREIRA, Édimo de Almeida. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

Gustavo Tanus

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

E-mail: gustavotcs@gmail.com

No ano passado completou-se 80 anos do nascimento do poeta Adão Ventura, cuja obra deixou suas marcas na a poesia brasileira contemporânea. Não obstante isso, não foi, até bem pouco tempo, objeto de estudos que a analisassem a partir de um eixo, senão pela apreensão de alguma das suas faces. Em busca de uma análise mais sistematizada e transversal, o pesquisador Édimo de Almeida Pereira publicou o estudo *Metamorfoses do abutre: a diversidade como eixo na poética de Adão Ventura*, que não é lançamento recente, pois foi editado em 2010, portanto há 10 anos, mas que continua importante como estudo da poética de Adão Ventura.

Édimo de Almeida Pereira, professor, músico, poeta, escritor de literatura infantil e juvenil, intelectual com formação em Direito e Literatura, pesquisou a obra de Adão Ventura, em seu mestrado, cujo resultado, publicado no livro objeto desta resenha, é importante porque atravessa a obra, analisando o projeto poético.

Adão Ventura Ferreira dos Reis nasceu no dia 5 de julho de 1939 em Santo Antônio do Itambé, antigo distrito do Serro, no vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, lugar de uma cultura popular riquíssima, que marcou o poeta de tal maneira a se manifestar em sua obra. Bacharel em Direito pela UFMG, em 1971, Adão trabalhou na redação do *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Lecionou Literatura Brasileira Contemporânea e participou do Congresso Internacional de Escritores, nos Estados Unidos, num momento fecundo, de grandes lutas pelos direitos civis dos afro-americanos, experiência que foi fundamental para maturação de sua poesia, que atinge seu ápice na assunção da afro-ancestralidade. Na década de 1990, Adão Ventura atuou como juiz classista e foi o segundo presidente da Fundação Palmares, instituição na qual trabalhou para consolidação de sua missão e de seus valores. Recebeu, durante a vida, diversos prêmios e homenagens, por relevância de sua obra,



composta de seis livros de poesia, um de literatura infantil, tendo diversos poemas publicados em antologias, nacionais e internacionais, possui valor poético e social inestimáveis. Faleceu aos 64 anos, de complicações devido ao câncer de estômago. Possui, apesar da qualidade e importância de sua obra, uma fortuna crítica que não acompanha a estatura de sua poética.¹

AS FACES

Em *Metamorfoses do abutre*, é feita uma interpretação da poesia a partir da fragmentação, do descentramento do sujeito, próprios da pós-modernidade, “[...] uma das marcas do sujeito contemporâneo é buscar novos caminhos que o capacitem para a compreensão da realidade que o envolve” (PEREIRA, 2010, p. 10), realizando a retomada dos grupos sociais e de seus discursos que difiram dos hegemônicos. O estudioso, portanto, identificou e refletiu sobre a diversidade temática constante na obra, considerando a dimensão plural, étnica, cultural, estética, social e política, caracterizadoras da sociedade brasileira. No caminho da interpretação, o ensaísta identificou e evidenciou aspectos que possibilitam a poética de Adão Ventura como instrumento de reflexão sobre o tempo; e não dividiu, como vinha fazendo a crítica, a obra em faces irreconciliáveis, apresentando, portanto, a diversidade como um eixo. (PEREIRA, 2010).

Segundo o autor, essa diversidade é temática, e se estende pelos livros de Adão Ventura. Em seus dois primeiros livros, *Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul*, de 1969 e *Musculaturas do arco do triunfo*, de 1975, Édimo destacou um uso de imagens “carregadas de nuances surrealistas”, num “mergulho nos espaços oníricos gerados pela palavra” (PEREIRA, 2010, p. 13). Nos demais, colocou em destaque o uso das notas biográficas, por meio das quais o poeta insere sua ascendência, seu cotidiano familiar, a vida no interior de Minas Gerais, em sua riqueza cultural, vereda geográfica e estética, permitida pelo *Jequitinhonha* – poemas do vale, de 1980. Ou mesmo “um deslocamento ideológico da herança da escravidão [...] como em *A cor da pele* (1980), obra em que, decididamente, a voz do poeta se

¹ O acervo do poeta constitui, hoje, um arquivo literário, disponibilizado no Acervo de Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais. Sobre isso cf.: Autor, 2017.

alça como a voz indignada de seu povo contra a discriminação racial”, são caminhos dos quais o leitor pode percorrer. (PEREIRA, 2010, p. 13).

Para além da consideração apenas do aspecto étnico-social, a pesquisa de Édimo vai adiante e busca uma perspectiva mais abrangente, observando as diferentes fronteiras que a obra oferece, entre a “história e literatura, a autobiografia e a metalinguagem, o engajamento e a pesquisa estética” (PEREIRA, 2010, p. 13), estabelecendo os elos das diversas temáticas e da diversidade, por meio da identificação dos elementos de sentido expressos pelo gênero, pelo mundo rural, pela cultura popular, pela periferia, pela margem. (PEREIRA, 2010). O procedimento de considerar na poética de Adão Ventura a fragmentação do sujeito em relação à noção de unidade e a diversidade temática da obra como um todo torna a leitura mais transversal. Para tanto, o crítico utiliza o conceito de “caminho do meio” (BERND; UTÉZA, 2001) que significa a opção que fazem aqueles que se encontram à margem do cânone por um caminho de significação que se contrapõe ao “mundo edificado pela razão dos dominadores”, um caminho que possibilita escutar a voz dos dominados, dos excluídos, dos que estão à margem, daqueles que se encontram na periferia. (PEREIRA, 2010, p. 11).

Estes, que são os pressupostos teóricos trabalhados na “Introdução”, que o pesquisador toma como um princípio para uma leitura das “paisagens e roteiros”, numa metodologia que permite os “entrecruzamentos” que definem a poética de Adão Ventura. Para tanto, lança mão de conceitos importantes, “tais como identidade cultural, hibridação, gênero, surrealismo” entre outros, de autores como “Zilá Bernd, Stuart Hall, Lília Moritz Schwarcz, Jacques Derrida [...], Muniz Sodré, etc.”, como aporte teórico para a análise da obra de Adão Ventura. (PEREIRA, 2010, p. 19-20).

Na segunda seção, intitulada “Desdobramentos do discurso de Adão Ventura: tempos de engajamento”, Édimo traça um esboço de história dos negros brasileiro, trazido do continente africano para serem escravizados nas Américas, obrigados a adotar a língua do colonizador como “forma de viabilizar a comunicação”, o que, segundo ele, contribuiu para a fragmentação da noção de identidade e para a exclusão do negro, por um discurso que o inferiorizou e o reificou.



Tal processo, esse compulsório de aculturação, relaciona-se à ideia foucaultiana de discurso como instância de poder, no qual o discurso dominante é visto como uma vontade de verdade e gesta estratégias de inclusão e de exclusão de outros discursos, no caso do livro, o discurso dos negros. Há, portanto, esforços das elites para manutenção e justificação do domínio exercido pela branquitude em sujeição dos sujeitos negros, estes que (sempre) apresentaram movimentos de resistência, de contestação. O autor discute, nesta parte, sobre conceito e critérios de identificação do que ele chama literatura negra ou afro-brasileira (ou negro-brasileira)², ressaltando a relação entre transposição e continuidades culturais de África na Diáspora negra nas Américas, sobretudo nos aspectos relacionados à tradição e à memória. Esse repertório de recursos da linguagem são elementos estéticos comuns às culturas e tradições afro-brasileiras.

Na parte mais aguardada do trabalho, o pesquisador analisa criticamente as poesias conforme suas afinidades temáticas. Observa que o poeta, ao retomar as velhas imagens sobre/de negro, do branqueamento, e da “[...] admissão da noção [...] de que no Brasil não existe preconceito e segregação, constituindo-se entre nós uma democracia racial [...]”, retoma-as para transformá-las.

Na seção intitulada “Afrodescendência: antonímia da estranheza”, Édimo tratou da constituição da ideologia que tratam os sujeitos negros como estranho, e como essa noção é construída a partir do ponto de vista do observador branco eurocentrado. Tal estranhamento foi associado, no decorrer da história da colonização europeia, aos indivíduos provenientes de universos culturais considerados “não civilizados”, ou seja, ao Outro. Para caracterizar esse conceito, o autor utiliza-se de argumentos da Psicanálise freudiana, da linguística e da literatura, e os relaciona à estranheza atribuída ao negro e ao “afrodescendente” no Brasil. Com isso, ele perfaz o dilatado caminho histórico, discutindo o Iluminismo, o século das luzes, e seu discurso em relação às culturas não-europeias, que “deu margem à criação de uma imagem do negro como criatura estranha e selvagem, hierarquicamente inferiorizada em relação ao branco. (PEREIRA, 2010, p. 60). Observou que tais discursos foram justificativas

² Sobre isso ver: CUTI. Literatura negro-brasileira: conceitos. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2010.



para a colonização, mesmo que suas impressões sobre as terras e a população africanas tenham sido baseadas nos relatos dos viajantes, orientados, sobretudo, “[...] pela curiosidade, pelo exótico, que pelo olhar científico”. (PEREIRA, 2010, p. 61). Édimo demonstrou que esse conjunto de ideias, preconceituosas, foram “importadas” e adotadas pelas elites brasileiras, e serviram para a criação da imagem da violência atribuída ao negro, um “[ser] demoníaco, horrível e assustador”, “bárbaro, homicida e torturador” (PEREIRA, 2010, p. 62-63).

Ainda nesse capítulo são tratadas questões sobre a estética negra, em que o ensaísta indaga sobre a adoção, no Brasil, dos paradigmas culturais eurocêntricos, entre eles, o padrão estético que diz que o que é belo não se relaciona à cor negra, à cultura afro-brasileira; e como isso é danoso, porque gesta nos sujeitos negros um ideal de embranquecimento, e a autodiscriminação pela negação de sua identidade. A contrapeso dessas práticas, há “[...] paralelamente ao desenvolvimento dos discursos de exclusão, as tentativas para a formação de uma fala de valorização das populações negras como forma de resistência aos padrões estéticos impostos por uma elite social notadamente branca [...]” (PEREIRA, 2010, p. 70), ao que pode ser inserida a produção de Adão Ventura.

No quarto e último capítulo, intitulado “Outros caminhos na poesia de Adão Ventura”, o pesquisador delineia a trajetória poética, diferente de uma em que interesse ao percurso apenas a face em que assume e afirma sua identidade negra. Assim, são consideradas todas as fases (melhor: faces) como prova de um contínuo e ativo processo de mudança e experimentação – do que ele chama de uso do padrão estético do surrealismo, e dos aspectos da cultura e linguagem populares –, até o maior envolvimento com as questões políticas e sociais.

Não sendo suficiente apenas apontar a escolha por uma dita estética surrealista, nos dois primeiros livros, sem, com isso, estabelecer as razões de ser dessa escolha frente à obra completa, o crítico percebe a fratura e buscou emendá-la. Para isso, ele estabeleceu um histórico desse movimento artístico (proveniente dos anos de 1920, cuja motivação se deu pela insatisfação pela ordem imposta pela valorização do racionalismo e a busca da libertação do espírito); relacionando suas características às temáticas “do sonho, da poesia e da visão sobre o feminino”,



investigando os “entrecruzamentos, diálogos e aproximações que permitem um melhor entendimento da ampla atmosfera estética, histórica, social e imaginária explorada por Adão Ventura” (PEREIRA, 2010, p. 77). Em procedimento análogo, à vertente popular contida em *Jequitinhonha* (poemas do vale), Édimo considerou que Adão Ventura ampliou “as fronteiras de sua poética, abordando temas como a religiosidade, a memória, a música, a dança, o trabalho, a família, o conflito entre a vida no meio rural e a vida nos grandes centros urbanos – temas que possuem, simultaneamente, um significado regional e universal” (PEREIRA, 2010, p. 86).

Por fim, vale ressaltar o destaque para o aspecto formal do poema em prosa, “que vai se manter até o último livro”, que, nas palavras do pesquisador, “abre as portas de sua poética para os ares da polêmica (a que se levantou em torno de Baudelaire, em *As flores do mal*) e da hibridação. (PEREIRA, 2010, p.93). Com isso, o ensaísta retoma a discussão em relação à prosa poética sobre sua suposta inferioridade frente à poesia em versos, mas que marca, efetivamente, “um momento de crise em que a problematização de uma diferença se torna o discurso sobre a diferença”. Para a discussão sobre essa crise, é citado o questionamento de Bárbara Johnson, que possui relevância para as estratégias de Ventura: “Que dizer de um *corpus* literário tão heteróclito quanto inegável, cujo gênero só pode ser designado por uma expressão que destroça a própria noção de gênero?” (JOHNSON citada por PEREIRA, 2010, p. 93). Conclui que a opção de Adão Ventura por esse gênero textual – que é veículo de um questionamento sobre a própria diferença – é bastante revelador, por ser um recurso “[...] transgressivo, [que] fornece elementos formais adequados para a discussão de temas [...]” estabelecendo “[...] a ligação entre a polêmica que caracteriza o gênero textual [...] e a potencial perturbação e o incômodo gerados a partir da discussão dos temas que ele aborda” (PEREIRA, 2010, p. 95-96).

A partir da proposta do livro – que reconhece a riqueza dos aspectos temáticos e estéticos da obra de Adão Ventura, nomeadas como outras vertentes, outros caminhos, para além de uma filiação estrita às questões étnico-raciais – foi possível “mapear os questionamentos do poeta em relação a outros temas [...] como as relações de gênero, [...] a religiosidade, a memória, a cultura popular e a relação do homem com sua terra de origem”. (PEREIRA, 2010, p. 97), revelando a diversidade



como uma propriedade estética, o que permite a reconfiguração de sua crítica. É um trabalho cuidadoso e torna-se, pela seriedade com que a obra de Adão Ventura é estudada, uma referência indispensável para quaisquer estudos que se pretendam fazer deste que é um dos maiores poetas brasileiros dos últimos tempos.

REFERÊNCIAS

PEREIRA, Édimo de Almeida. **Metamorfoses do abutre**: a diversidade como eixo na poética de Adão Ventura. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.